

# URBS: A FRUIÇÃO DO MEDO E A FRATERNIDADE SANGUÍNEA EM DRÁCULA E JACK, O ESTRIPADOR

Sabrina Mesquita de REZENDE (UFG\CAC\CAPES)

**Sabrina-meskita@hotmail.com**

**RESUMO:** No presente trabalho apresentaremos uma análise do medo inserido no espaço gótico como movimento transformador do ambiente decadente dos personagens Drácula do romance *Drácula* (1897) de Bram Stoker e o lendário serial killer Jack, o estripador, que amedrontou os vitorianos no fim do século XIX. Para tanto, a rua especificamente em foco neste trabalho, representa palco de concretização do medo na sociedade Vitoriana. Uma vez que, a rua originalmente é um espaço livre, sem regras fixas e suscetíveis a todos os imprevistos, ela também pode ser lida como um ambiente de transgressão e onde barreiras são abolidas, lugar perfeito para a realização do gozo através do medo pelas criaturas subversoras Drácula e Jack, o estripador. Por conseguinte, esses personagens ao realizarem a sua fruição pelo medo, ritualizam o espaço urbano movido pela sua busca incessante pelo sangue, e são responsáveis por instalarem o autoconhecimento na sociedade composta por pessoas de identidades vulneráveis e inseguras. Assim, torna-se relevante uma investigação que prioriza o espaço urbano como elemento identificador e demiúrgico na condução de personagens subversores sob o signo do medo, e como consequência deixam uma mensagem da prática da liberdade no espaço rua. Por fim, este trabalho vinculado à pesquisa desenvolvida no Mestrado em Estudos da Linguagem da UFG- Regional Catalão e com o suporte de bolsa concedida pela CAPES recorrerá ao suporte teórico baseado em: , Cohen (2011), Damata (2011), Levin (1996), Bachelard (2008), entre outros.  
**PALAVRAS-CHAVE:** Espaço Gótico; Rua; Medo.

## Introdução

Segundo Lovecraft ( 2007, p. 13): “ A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido”. Assim, o sentimento mais primitivo e instintivo é o medo, pois, representa o temor ao desconhecido. Historicamente e psicologicamente é como se houvesse uma cisão entre o conhecimento e desconhecido que naturalmente selecionamos como uma área de conforto para nós tudo aquilo que faz parte da nossa rotina e conhecemos. Já, o que desconhecemos representa um temor enorme, pois, é o que está fora de equilíbrio e eixo.

Nesse sentido, torna-se mais confortável manter as nossas experiências por meio do que conhecemos. Entretanto, navegar em águas revoltas do desconhecido pode não ser apenas uma experiência negativa, uma vez que, estarmos diante do desequilíbrio das

nossas vivências é fazermos um profundo mergulho em nós mesmos e nos autoconhecer.

Dessa forma, o medo estabelece uma relação ambígua de vantagens e desvantagens para quem o experimenta.

Por conseguinte, podemos nos questionar como esse sentimento tão intrigante pode ser percebido em uma obra literária e em um mito que eternizou a Londres Vitoriana do século XIX?

É óbvio que o medo é um sentimento ou emoção existente no plano imaginário e abstrato, fato este, que se torna mais difícil para ser demonstrado em uma obra. No entanto, podemos eleger o espaço como forma de percebermos a intensificação do medo, uma vez que, esse elemento narrativo promove a aproximação dos personagens e suas ações diante de um determinado ambiente. Além disso, o medo aliado ao espaço literário auxilia na intensificação dos poderes dos seres monstruosos (FRANÇA, 2013, p. 66).

Assim, ao analisarmos os personagens Drácula e Jack Estripador verificamos com o espaço rua embebido de uma atmosfera decadente finissecular e gótica ajuda não só a fortalecer os personagens monstruosos, mas também demonstra que o espaço revestido de ruína, destruição e artificialismo antagoniza a Sociedade Vitoriana, pois o palco de realização do gozo e do medo ocorre em um ambiente livre destituído de regulação social.

Portanto, verificaremos que o espaço do medo é relevante para o estudo em foco, pois é através da rua- ambiente libertário que ocorre todas as experiências do medo, do horror nas vítimas dos monstros, mas também promove ao mesmo tempo o gozo do monstro e novas experiências artificiais de quem os encontra a caminho. Para tanto apoiaremos nos pressupostos teóricos de: Cohen (2011), Damata (2011), Levin (1996), Bachelard (2008), entre outros.

## **URBS: O ESPAÇO DO MEDO**

O medo é um sentimento ambíguo que remonta aos primórdios da humanidade, pois, desde o primitivismo à Sociedade contemporânea nos recorreremos a ele seja por defesa, por desconhecimento. Mas, o fato impossível de ser negado é que o medo possui sua pertinência na vida humana:

Os primeiros instintos e emoções do homem foram sua resposta ao ambiente em que se achava. Sensações definidas baseadas no prazer e na dor se desenvolveram em torno dos fenômenos cujas causas e efeitos ele compreendia, enquanto em torno dos que não compreendia ... eram naturalmente elaborados como personificações[...] incerteza e perigo são eternos aliados íntimos, transformando qualquer tipo de mundo desconhecido num mundo de perigos e possibilidades maléficas ( LOVECRAFT, 2007, p. 14-15).

Assim como no passado o homem recorria ao medo como forma de defesa e proteção elaborando significações e personificações representativas ao que desconhecia, na contemporaneidade utilizamos essa mesma ferramenta como arma de defesa. E a literatura é uma arte-mestre em estabelecer o medo através de simbolizações, elevando-o ao status material através do espaço narrativo:

Quando falamos de espaço, referimo-nos tanto aos objetos e suas relações como ao recipiente, isto é, á localização desses mesmos objetos. Além disso, nunca podemos esquecer o observador a partir do qual aquelas relações são construídas na literatura. Assim, ao analisarmos um espaço qualquer, por exemplo, casa, navio, escola, etc., não podemos nos esquecer dos objetos que compõem e constituem esse espaço e de suas relações entre si e com as personagens e/ou narrador. Em resumo, a noção de espaço é dada pela inter-relação entre entidade situada, entidade de referência e um observador (BORGES FILHO, 2007, p. 17).

Assim, o espaço ganha sentido por meio de sua relação com os personagens, e suas ações, como retifica Bachelard (2008, p. 4), que diante da imagem poética há uma dualidade, ou seja, uma relação direta entre o sujeito e o objeto, ou seja, uma relação intrinsecamente relacionada entre personagens e espaço, e o encontro entre os dois auxiliam na construção narrativa que conduzirá as tensões e conflitos experimentados pelo personagem inserido nesse *locus*.

Então, o medo será percebido através do espaço como podemos conferir:

[...]desde que tive a idéia de ir para Londres me têm dado muitas horas de prazer. Através deles, aprendi a conhecer sua grande Inglaterra; e conhecê-la é amá-la. Estou ansioso para ir para as ruas repletas de gente de Londres, ver-me no meio do turbilhão da humanidade, compartilhar de sua vida, suas transformações, sua morte (STOKER, 2013 , p.14).

Por esta passagem retirada do romance Drácula, de Bram Stoker podemos perceber a relação próxima entre personagem, espaço e medo. A simples menção e sugestão sobre Londres e suas ruas já desperta no monstro decadente possibilidades perfeitas para o exercício de sua identidade bifurcada de criatura da noite:

O corpo monstruoso é pura cultura. Um constructo e uma projeção, o monstro existe apenas para ser lido: o *monstrum* é, etimologicamente,

“aquele que revela”, “aquele que adverte”, um glifo em busca de um hierofante. Como uma letra na página, o monstro significa algo diferente dele: é sempre um deslocamento; ele habita, sempre, o intervalo entre o momento da convulsão que o criou e o momento no qual ele é recebido- para nascer outra vez( COHEN, 2011, p.27).

Talvez a relevância maior do monstro seja esta mesma: a da transgressão, pois, como habita o entrefronteiras este assume a sua dualidade e sua ameaça ao que está de fora. Portanto, sintetizando o momento cultural que o gerou simboliza sempre uma ameaça, mas também um conhecimento de algo temeroso aos seres que vivem na regulação. Como atesta França (2013, p. 66): “O espaço narrativo é sempre responsável direto por conferir à personagem monstruosa grande parte de seu poder de provocar o medo e outras emoções correlatas”. O espaço do entrefronteiras que exercita o monstro acaba por unir personagem e espaço transformando-se em um reduto de do medo que intensifica os poderes do monstro em sua atuação. Assim, *locus* e identidade monstruosa tornam-se a serviço do medo promovendo o autoconhecimento à sujeitos de identidades vulneráveis da Londres vitoriana.

Drácula, monstro ficcional guarda uma cumplicidade sanguínea com o monstro real Jack, o Estripador, que assolou a Londres Vitoriana no século XIX<sup>1</sup>:

[...] que os assassinatos do Estripador foram um dos vários fenômenos contemporâneos que foram incorporadas a narrativa densa de Drácula whirlpool. Curiosamente, a ficção e a realidade se realmente se sobrepõem até certo ponto, pois, como refere Belford de 1888 não era apenas "o ano de Jack, o Estripador aterrorizou Whitechapel, trazendo o mal para as salas de desenho de Mayfair e Kensington ". foi também o ano em que Stoker conceituou Drácula ", uma história que se misturam psicologia de Shakespeare com males contemporâneos" ( DAVISON, 1997, p. 148).

Além de realidade e ficção se confundirem entre os instigantes personagens em estudo, ambos divide o mesmo espaço: a rua como alternativa para concretizar o seu gozo e a fruição do medo: “[...] a categoria rua indica basicamente o mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões, ao passo que casa remete a um universo controlado, onde as coisas estão nos seus devidos lugares (DAMATTA, 1997, p.90). A rua se

---

<sup>1</sup> that the Ripper slayings were one of several contemporary phenomena that were incorporated into Dracula's dense narrative whirlpool.<sup>3</sup> Curiously, fiction and reality did actually overlap to some degree for, as Belford relates, 1888 was not only "the year Jack the Ripper terrorized Whitechapel, bringing evil into the drawing rooms of Mayfair and Kensington." it was also the year in which Stoker first conceptualised Dracula, "a story that would intermingle Shakespeare's dark psychology with contemporary evils" ( DAVISON, 1997, p. 148)

constituindo um espaço livre aberto às novas experimentações se opõe nitidamente ao espaço controlado do *status quo* como podemos conferir nessa passagem:

Quando cheguei à entrada do cemitério, pude ver que havia uma forma comprida e negra inclinada sobre o vulto branco de Lucy. “Lucy! Lucy!”, gritei, horrorizada. Ela não se mexeu, mas, por trás dela, dois olhos ardentes e vermelhos me olharam. Corri, mas, durante algum tempo, perdi Lucy de vista, oculta pela igreja. Quando cheguei junto dela, achei-a sozinha. Estava ainda dormindo, respirando com dificuldade, e levou ambas as mãos ao pescoço, como que para fechar a gola. Atirei meu xale sobre seu ombro e o prendi com um alfinete. Mas parece que fui desajeitada, na minha pressa, pois ela tornou a levar a mão ao pescoço e gemeu. (STOKER, 2013, p.42-43).

No momento que Mina adentra ao cemitério e depara com a cena do ataque vampírico e da interação sexual de sua amiga Lucy com o monstro Drácula ela mesma se diz “horrorizada” com o que vê. Temos assim, o ingrediente do medo entrando em ação para garantir a realização do medo, a efetiva função do monstro em revelar o que está oculto socialmente e também a concretização do gozo.

Podemos notar ainda nessa cena que o espaço em que ocorre o ataque é um cemitério, que por extensão é uma área contínua da rua. Logo, um ambiente livre preparado para novas experimentações artificiais de atmosfera decadente responsáveis pela construção do universo artificial contaminado de nevroses e estados sinestésicos como forma de realização do gozo.

Nesse sentido, podemos verificar um processo de ritualização aliado ao espaço rua, que de acordo com Damatta (1997, p. 97-98): “A distância entre domínios chama atenção para o objeto, transformando-o. [...] A base do processo de simbolização é, pois, o deslocamento e a passagem. Ritualizar, como o simbolizar, é fundamentalmente deslocar um objeto de lugar”.

À medida que o monstro se apossa do espaço ele o transforma, simboliza, e ritualiza, uma vez que, tanto as ruas de Whitechapel quanto Picadilly são ambientes pertencentes ao mundo regulatório mesmo que seja considerado um espaço mais livre do que o interior dos lares vitorianos por exemplo. No entanto, no momento que os monstros finisseculares tomam posse desse *locus* vão provocar uma cisão- uma rachadura no universo controlado surgindo “o deslocamento da passagem”, modificando o objeto.

Outro exemplo que pode significar essa ritualização do espaço ocorre no batismo de sangue de Mina por Drácula:

E, desabotoando a camisa, abriu uma veia no peito com suas unhas aguçadas e, enquanto me segurava pelos punhos com uma das mãos, com a outra segurou-me a cabeça e apertou-me q boca de encontro ao ferimento, de modo que, para não morrer sufocada, eu tinha que engolir... Meu Deus, meu Deus! Que fiz, para merecer tal sorte? Tende piedade de mim, meu Deus! (STOKER, 2013, p.106).

É interessante observarmos que o local de ocorrência do batismo é no interior de um quarto localizado em um hospício que se assemelha com a rua, pois, em uma casa de saúde mental também é um ambiente livre, fato este que simboliza a ritualização do espaço modificando esse ambiente diante de mãos decadentes.

Portanto, podemos perceber que o espaço narrativo possui uma importância elementar para a concretização do medo, que de acordo com França (2013, p. 66): “o sucesso do enredo e a capacidade de horrorizar das personagens monstruosas são dependentes da construção espacial[...]”. E mais uma vez fica explícito a relação intrínseca de enredo, personagens e espaço para o sucesso de horrorizar.

### **Conclusões:**

Para alcançarmos os objetivos deste estudo, nos deparamos com questões muito relevantes ao tema selecionado. A literatura do medo transita entre dois universos: o real e irreal, ao interceptar a realidade e sobrenaturalidade. Assim, há um evidente embate de forças antagônicas entre o mundo de controle e mundo livre, e a intercessão entre ambos estabelecem a concretização do medo e promove o autoconhecimento através da transgressão.

Assim sendo, se estabelece a relevância do estudo em questão, por ressaltar a aproximação entre personagens, enredo e espaço que recebem o contorno do medo.

Medo, sentimento de defesa e de autoconhecimento que torna-se materializado e simbolizado através do espaço, e esse por sua vez, conferirá aos personagens uma intensificação de poderes sobrenaturais. A rua especificamente nesse estudo ritualiza um espaço livre como possibilidade de atuação do ser decadente.

Assim, Drácula e Jack, o Estripador mantém uma sinonímia ao estabelecer como palco de atuação a rua e assim metaforiza o medo.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- COHEN, Jerome, Jeffrey. As sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Autêntica, 2011.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- DAVISON, Carol Margaret. Blood Brothers: Dracula and Jack the Ripper. In: DAVISON, Carol Margaret, HOUSLEY, Paul Simpson. *Sucking through the century, 1897-1997*. Toronto: Dundurn Press, 1997.
- FILHO, Ozíris, Borges. *Espaço Literatura: Introdução à Topoanálise*. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- FRANÇA, Júlio. “A alma encantadora das ruas e Dentro da noite: João do Rio e o medo urbano na Literatura Brasileira”. In: GARCIA, Flávio; PINTO, Oliveira, Marcelo de. *As arquiteturas do medo e o insólito ficcional*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2013. p. 66-78.
- LEVIN, Messer Orna. *As figurações do Dândi: Um estudo sobre a obra de João do Rio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- LOVECRAFT, Howard Phillipis. *O horror sobrenatural em literatura*. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- STOKER, BRAM. *Drácula: o homem da noite*. Trad. Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.